



**Anais do
V CONGRESSO DE
EXTENSÃO DA AUGM**

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL

13 a 15 de setembro 2021



Asociación de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO



UFSM



ANAIS DO V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Reitor

Paulo Afonso Burmann

Vice-Reitor

Luciano Schuch

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Pró-Reitor de Extensão Substituto Articulação e Fomento à Extensão

Rudiney Soares Pereira

Cultura e Arte

Vera Lucia Portinho Vianna

Desenvolvimento Regional e Cidadania

Jaciele Carine Sell

Subdivisão de Divulgação e Eventos

Aline Berneira Saldanha

Editoração

Erica Duarte Medeiros

Aline Britto Fialho

Projeto gráfico e capa

Aline Britto Fialho

Realização

Pró-Reitoria de Extensão

Apoiadores

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

AUGM - Asociación de Universidades Grupo Montevideo

Periodicidade da Publicação: Anual

Idioma: Português e Espanhol

Autor Corporativo:

Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Av. Roraima, 1000 - Camobi, Santa Maria - RS, 97105-900

A revisão de cada artigo é de responsabilidade de suas/seus autoras/es.



Comitê Internacional de Organização

Lic. Álvaro Maglia - AUGM

Profa. Elisângela Mortari - UFSM

Prof. Érico Flores - UFSM

Lic. Fernando Sosa - AUGM

Prof. Flavi Ferreira Lisboa Filho - UFSM

Adm. Gabriel Dallaposa – UFSM

Dra. Jaciele Sell - UFSM

Prof. Juan Álvarez Gúzman - Chile

Prof. Juan Irala - Argentina

Profa. Prof. Javier Alonso - Uruguai

Prof. Rudiney Soares Pereira - UFSM

Profa. Vera Lúcia Portinho Vianna – UFSM

Profa. Carmen Bogado - Paraguai

C749u Congresso de Extensão da AUGM (5. : 2021 : Santa Maria, RS)
Universidade e sociedade conectadas para o desenvolvimento regional sustentável [recurso eletrônico] / Anais do V Congresso de Extensão da AUGM. – Santa Maria, 13 a 15 de setembro de 2021. – Santa Maria, RS : UFSM, AUGM, 2021.
1 e-book : il.

Idioma: Português e Espanhol
ISBN: 978-65-87668-56-7

1. Ensino Superior – Extensão 2. Extensão Universitária 3. Cultura 4. Sociedade 5. Desenvolvimento Sustentável I. Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Extensão II. AUGM - Asociación de Universidades Grupo Montevideo III. Título.

CDU: 504.03(063)
378.4.017(063)



V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL



UFSM



Associação de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO

A Descolonização pela Materialidade: o Experimental no Centro das Práticas Artísticas¹

Adriane Hernandez

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil²

Resumo

Apesar da exclusão digital a que muitos estudantes foram vitimados durante o ensino remoto, alguns docentes buscaram compensar dificuldades concretas rompendo com paradigmas, perpetuados historicamente, e advindos de uma prática de ensino colonizada. É esse ensino que determinou o que é certo e o que é errado na prática artística acadêmica e por mais que se avance em direção à contemporaneidade, ainda representa um porto seguro para alguns. A oficina de extensão Matéria Maleável, funcionou como um ensaio para as aulas no ensino remoto, permitiu uma certa distensão normativa e propiciou abrir mão dos materiais nobres, das grandes dimensões, por exemplo, incentivando e valorizando mais a improvisação, a inventividade no uso de materiais e objetos disponíveis, aproveitando para buscar a superação da idealidade formal e matérica nas artes visuais.

Palavras-chave: Ensino remoto; Artes Visuais; Materialidade; Extensão; Experimental.

Matéria Maleável

A descolonização da universidade passa principalmente por um olhar sensível e empático para o seu entorno, para a realidade social a qual está inserida e a extensão universitária é uma ferramenta importante nesse sentido porque abrange uma diversidade maior de experiências. No que se refere ao ensino das artes visuais sofremos com o colonialismo artístico que subjuga os fazeres, os materiais, as técnicas e os conceitos, a uma realidade importada que parece, a maior parte das vezes, não nos servir. A ideia de uma dialética cultural ou uma interculturalidade parece ser a mais adequada. Não negar culturas, mas

¹ Trabalho apresentado para o Eixo 2 – Produção artística e cultural do V Congresso de Extensão da AUGM.

² Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Poéticas Visuais, e-mail: hernandez_adri@yahoo.com.br



V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL



UFSM



pensá-las como parte de algo que se apresenta e se capta com a própria língua, com a própria cultura. A oficina Matéria Maleável, oferecida em 2020, funcionou como um ensaio para uma proposição a ser utilizada no ensino, em aulas remotas, para cursos de artes visuais e até mesmo outros cursos. Buscou-se nessa oficina, fazer o exercício de distensão normativa com um público diverso, imaginando abranger variadas situações, mas principalmente esta da pandemia, que forçou grande parte da sociedade ao isolamento. A necessidade de se “estar em casa” ou em afastamento social, levou-nos a tentar explorar mais do que nunca a percepção e a imaginação a partir de materiais, matérias e/ou materialidades e possíveis ações sobre estas, ao mesmo tempo que nos conduziu a um olhar sensível para o espaço doméstico, para os objetos contidos no lar de cada participante.

Percepção da Matéria

Objetivando o exercício da percepção e do sensível, além e sobretudo, da imaginação, propôs-se então uma espécie de auto-expedição pelo espaço interior da casa de cada participante da oficina, por ele mesmo. Esse olhar ‘interessado’, com a maior atenção possível, por si só já é artístico. É sem dúvida um exercício da atenção dos mais importantes, como nos indicava José Saramago já na epígrafe de *Ensaio sobre a cegueira*: “se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (1995). Vivemos mergulhados em uma cegueira cotidiana, até mesmo porque a percepção é um evento extraordinário. Para tentar “reparar”, necessitamos romper com a lógica cotidiana e partir para uma atitude de exceção, desviando de nosso padrão de comportamento no que se refere à atenção, um misto de simplicidade e complexidade. É simples porque a maioria de nós tem os instrumentos da visão, ou do sensível, para isso, mas é complexo porque necessitamos forçar a saída de um comportamento que interliga olhar e hábito. Sabemos que a previsibilidade é algo essencial para a vida e sobrevivência, mas romper de tempos em tempos com paradigmas e com aquela repetição padronizada de gestos, ações e pensamentos também é. Algo que está presente na história das produções artísticas é a visão diferenciada de autoria singular



V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL



UFSM



Associação de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO

– independente da época – que é excetuada como um atributo do artista, porém nem sempre socialmente aceito por desafiar regras técnicas e morais.

A proposta de Matéria Maleável incluía então essa vontade inicial de abertura para a sensibilidade e, assim, da percepção. Conforme Merleau-Ponty, ao considerar esse mundo da percepção vamos muito além das definições do dicionário para as coisas, embora frequentemente haja confusão entre definir e perceber o autor mostra essa diferença utilizando o exemplo de uma mesa:

Quando pelo contrário, percebo uma mesa, não me desinteresso da *maneira* como ela cumpre sua função de mesa (...) Aqui não há detalhe que seja insignificante – fibra da madeira, riscos ou arranhões que marcam essa idade – e a significação “mesa” só me interessa na medida em que emerge de todos os “detalhes” que encarnam sua modalidade presente. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.56).

Assim a oficina iniciou com provocações, partindo logo de início para observação de matérias e materiais que se tinha em casa, mas que normalmente não se vê, não se percebe, considerou-se, também, realizar o registro fotográfico desses olhares e pequenos gestos impostos às materialidades. A maleabilidade física de tais materiais e matérias foi escolhida como um atributo impulsionador e poético, como um indicativo para a busca, imaginando que a qualidade maleável estaria associada a ideia de transformação com ferramentas simples ou até mesmo com as próprias mãos. O enunciado entregue nesse primeiro e provocativo dia foi:

Você procurará em sua casa um material maleável, ao encontrá-lo você irá:

1. Descrever as propriedades físicas desse material, como ele é e como ele é para os sentidos (olfato, visão, tato, som, gosto);
2. Propor/realizar uma ação sobre esse material;
3. Descrever o processo da ação e as sensações provocadas durante o processo;
4. Descrever como foi o processo com essa matéria transformada por você. Poderá fazer um registro fotográfico ou simplesmente descrever.

Um outro modo de compreender a condição maleável seria a propriedade das ideias e ações, a imprevisibilidade do resultado, a possibilidade de experimentar e refazer, sem pressão para resultados ou produtividade quantitativa da oficina. Fundamentalmente, buscou-se evitar as tradicionais didáticas que propõem tarefas, ao invés de experimentações, a partir da representação, da figuração, da observação, em que a



V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL



UFSM



Associação de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO

semelhança ao modelo é o resultado mais aplaudido. A oficina buscou, com o apoio da teoria bachelardiana, a imaginação material afastando ou conciliando à imaginação formal. Para Bachelard:

(...) além das imagens da forma, tantas vezes lembradas pelos psicólogos da imaginação, há imagens da matéria, imagens diretas da matéria. A vista lhes dá nome, mas a mão as conhece. Uma alegria dinâmica as maneja, as modela, as torna mais leves. Essas imagens da matéria, nós as sonhamos substancialmente, intimamente, afastando as formas, as formas perecíveis, as vãs imagens, o devir das superfícies. Elas têm um peso, são um coração. (BACHELARD, 1989, p. 2).

Bem entendido que se buscou manejar os fenômenos, a fisicalidade dos materiais a que grande parte dos artistas plásticos se submetem geralmente com grande alegria, apostando que essa materialidade por si só impulsionasse a imaginação, mas para isso se entendeu como necessário exercícios prévios para distencionamentos. Ao mostrar exemplos de trabalhos artísticos em que seus autores têm a matéria ou material como parte da significação do trabalho, buscou-se entusiasmar pelo fascínio da articulação entre material e ideia. A artista ucraniana Zhanna Kadyrova, uma referência da oficina, produziu vestidos, não funcionais, com azulejos extraídos dos próprios lugares onde ela faz suas intervenções artísticas. A forma, o material e o peso da roupa, brinca com a sugestão de maleabilidade embora o resultado concreto seja a rigidez. O trabalho de nome “Segunda mão” joga com conceitos que interligam arquitetura e vestimenta, corpo social e corpo íntimo, ao mesmo tempo que coloca em dialética o cotidiano doméstico e a urbe, assim como também apresenta uma relação ambígua entre rigidez e maleabilidade.

A oficina buscou referências na produção de artistas que utilizaram materiais de modo surpreendente, transformando-os em matéria poética e, portanto, crítica. Os participantes da oficina procuraram em seus próprios espaços, elementos poéticos provindo de materialidades encontradas e manipuladas. Alguns participantes não conseguiram ir além da fase de perplexidade com o próprio material, o que por si só já foi considerado parte importante de um processo que não está somente preocupado com produtivismo, já que a arte emergindo como consciência crítica, também pode ajudar a intervir nessa lógica liberal produtivista. Esses participantes se esmeraram em demonstrar que o material encontrado era grande impulsionador de sensibilidades poéticas. Realizaram inúmeras



V CONGRESSO DE EXTENSÃO DA AUGM

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE
CONECTADAS PARA O
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL SUSTENTÁVEL



UFSM



Associação de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO

imagens e vídeos, criando articulações entre imagens ou abriam possibilidades para articulações poéticas. Outros usaram ações como derretimento de matérias, acumulação de caixas de cigarro produzindo outra forma, incorporação de materiais diferentes como pedra e plastilina, uso de um material no lugar de outro, como, por exemplo, uma participante que fez a forma em dobradura do barco de papel, um tsuru, entre outras, com toalhas de banho. O anil imperial, um material popular usado para clarear roupa, foi identificado como um elemento corporificador do azul que nos remeteu ao azul Klein, um material artístico nobre, patenteado pelo artista Yves Klein. O bordado também apareceu e a frase “vai passar” foi sendo consumida aos poucos pelo fogo restando apenas uma parte ainda legível. Enfim, resultados que nos fazem perceber a força com que as materialidades são capazes de imprimir consciência e legibilidade lidando com dados sensoriais e produzindo saberes para além da ocularidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversações 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.